ANO LVIII — NÚMERO 2961

O JORNAL MAIS ANTIGO E DE MAIOR TIRAGEM DE BARCELOS

O BARCELENSE

AVENÇADO

Redacção e Composição: Rua Barjona de Freitas, 26—28 BARCELOS

Proprietários: Fundador: Rogério Calás de Carvalho — José Lucindo Cardoso de Carvalho (Calás) e irmãos

SEMANÁRIO REGIONALISTA — POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:
Ano, 40$00; Semestre, 20$00; Trimestre, 10$00—Metrópole
Ano, 80$00 e 180$00 por avião—Estrangeiro excepto Brasil
Ano, 50$00 e 115$00 » » —Ultramar e Ilhas
Ano, 55$00 e 160$00 » » —Brasil
Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%

Director, Editor e Administrador: MÁRIO AUGUSTO VIANA DE QUEIRÓS (DR.)

SÁBADO, 20 DE ABRIL DE 1968

Administração: Telefone — 82388 — BARCELOS
Impressão: Companhia Editora do Minho
VISADO PELA CENSURA

Expansão do Português no Mundo

Pelo Dr. António Cândido Viana de Queiroz

(Continuação do n.º 2960)

9.º—De toda esta longa caminhada no tempo, com deslocações forçadas, dos homens que formavam as tribos para fugirem, nem sempre com êxito, não só à rapina e ao saque, que formavam a arte conquistadora dos povos antigos, muito especialmente dos bárbaros, mas também à pilhagem encoberta com a capa comercial, de que se serviram outros — é o caso dos fenícios e dos cartagineses — apenas queremos mais uma vez recordar que, destas migrações e contactos, por um fenómeno de interpenetração linguista, se foram formando novas línguas capazes de melhor servirem a difusão da civilização e da cultura dos povos.

De todo este evoluir, tem para nós, Portugueses, especial interesse o dialecto galécio-português ou galaico-português, um dos muitos dialectos em que se dividiu o hispano-romano, «já que seria dele, por diferenças que a seu tempo haviam de alterar a sua homogeneidade, saíriam o galego e o português», as duas línguas faladas na zona ocidental da Península.

Na sua fase mais antiga — pelo menos no que se refere à linguagem poética — pouco diferenciado seria o idioma usado pelos homens — saídos das camadas populares ou da nobreza, como parece poder — concluir-se de um estudo comparativo dos cantares de amor, de amigo, de escárnio e de maldizer, compostos pelos trovadores e jograis de então e reunidos nos cancioneiros da Ajuda, da Vaticana e da Biblioteca Nacional.

A linguagem culta, mais vincadamente na poesia do que na prosa, cedo se distanciaria da linguagem popular — urbana ou rural — pelo esforço que os vates haveriam de fazer no sentido de aperfeiçoarem o aspecto formal dos seus cantares, isto é, a sua contextura externa, já que a temática se manteria quase inalterável.

Por isso, se nos detivermos um pouco, para não irmos mais longe, na poesia do século XVI e a cotejarmos com a dos nossos primitivos cancioneiros, verificaremos, sem dificuldade o extensíssimo surto percorrido. No seu permanente evoluír, já nos apercebemos de que, a partir dos nossos *trovares* mais antigos, isto é, das nossas mais antigas composições *músico-literárias*, há um esforço sério dos poetas no sentido de se alongarem os motivos de emoção como o demonstram, entre outros, o *mordobre* e o *enjembement*.

Os trovadores, os jograis, os cazurros, os segréis, os menestréis, as soldadeiras, os goliardos e outros mais vão desaparecendo das festas palacianas e das romarias, onde exibiam cantares próprios ou alheios, mimos e pantomínias ao som do alaúde, do adufo, da guitarra mourisca, do rabé, da flauta, da tiorba, do arabil, da trompa, do tamborete, das castanholas, e de outros instrumentos de corda, sopro e percussão, para darem lugar ao poeta que se limitava a ler ou a declamar as suas composições a um público selecto que as escutava e aplaudia.

A poesia deixara, por isso, de ser uma *arte*, destinada a ser cantada ao som de instrumentos musicais e acompanhada do movimento rítmico do corpo, para se tornar numa arte própria para ser lida. Para não perder a doçura e o encanto, que lhe emprestavam o canto e a dança, sentiram os poetas necessidade de enfeitá-la. Adornaram-na cada vez mais, subordinaram-na a regras mais ou menos fixas, fizeram dela uma *ciência*.

A poesia, pobre de motivos internos, era uma fonte de emoções auditivas, originadas pelo ritmo e pela harmonia.

O diálogo, o eco, a distribuição da admiração e da interrogação, a disposição simétrica de uma palavra ou de um conjunto de palavras no princípio, no meio ou no fim dos versos, a repetição dos mesmos vocábulos, a feitura de poesias com duas, três e até quatro línguas diferentes, distribuídas de acordo com os arranjos rimáticos, vão levar à poesia, que conservara o ritmo e aperfeiçoara a harmonia, o poder de provocar, em quem a lesse, a emoção visual. O alto nível da perfeição formal, que se verifica na literatura palaciana, continuar-se-à pelos séculos seguintes.

Já o professor Wafgang Kaiser, no seu livro «*Fundamentos da Interpretação e da Análise Literária*», afirma que, na generalidade, talvez se possa dizer que na lírica das últimas gerações, a construção externa perdeu importância, em relação à interna; mas que, em geral, na lírica mais antiga, pode observar-se o contrário: a construção interna é francamente marcada, cabendo à métrica o peso decisivo». Aliás, já no século XVI, André Falcão de Resende, o autor do poema «*Microcosmografia*», sentia que faltava algo de substancial, mas que não especifica.

«Quão nua e pobre vai a Poesia,
Tão estimada já na rica Ibéria,
Na clara Lusitânia e antiga Hespéria
Na Grécia, e até na bárbara [Turquia!...

E, num esforço para a tornar melhor — o que não conseguirá — serve-se, como elemento emotivo, de vários idiomas, legando-nos versos como estes:

«Filia Babylonia, misera, iniqua
Che d'alta madre pia degenera,
Amas la falsa e aboreces la vera
Ta volonté toujours est [venerique...

(*Continua na página 2*)

Na Entrega da 3.000ª CHAVE DO BAIRRO dos OLIVAIS

Criteriosas considerações de Sua Ex.ª o PRESIDENTE DA REPÚBLICA

«Várias vezes tenho dito e não me canso de o repetir, que o Pão, o Lar e a Educação são as necessidades essenciais à vida de qualquer povo. Sem pão, sem lar e sem educação, um povo não pode ser feliz; não pode levar a vida sã a que toda a humanidade deve aspirar.

E, na Educação, não há que considerar apenas a Instrução; esta é apenas uma parte daquela. Sem um povo educado não pode haver um povo culto e, assim, tudo quanto fizermos para conseguirmos que o povo português possa ter pão, lar e educação, tudo quanto fizermos nesse sentido, será continuarmos a obra imorredoura dos nossos antepassados».

A humanidade precisa, na verdade, de ser feliz; de ser menos ambiciosa; de que cada uma das suas parcelas seja amiga das outras, porque só assim poderá haver paz no mundo.

«E os homens continuam ambiciosos; as Nações, constituidas por aglomerados de homens, ambiciosas são também! Tudo se deve fazer para que essa ambição só se verifique no sentido de fazer felizes os demais e não no de os fazer infelizes.

INTRA-MUROS

Reflexo de sombras

Coisas que se encontram no meu cesto de papeis velhos, mas limpos

Inspirado nas apreciáveis poesias do meu grande e valoroso amigo, A. Marques de Azevedo, distinto colaborador do nosso semanário, transcrevo do «DIÁRIO ILUSTRADO» de 14 de Junho de 1958 parte de um artigo da autoria de A. A. sob a epígrafe:

Barcelos e uma sua velha aspiração

«Barcelos não péde um edifício novo para instalar condignamente aquilo que não tem. Barcelos péde o restauro dos seus Paços dos Condes-Duques com a parte de cantaria quase completamente existente para nele instalar condignamente o seu valiosíssimo arquivo e a sua biblioteca, sem possibilidades de ampliação por falta de espaço e os seus museus.

Aspiração velha de 138 anos que a dona do Cávado aspira ver satisfeita e justíssimo é que o seja brevemente por quem de direito.»

Este recorte traduz parte do simpático bairrismo do meu conterrâneo e amigo, A. Marques de Azevedo, BARCELENSE que se deve escrever com letras grandes.

Z

De Vila a Cidade

— a propósito das comemorações que se preparam.

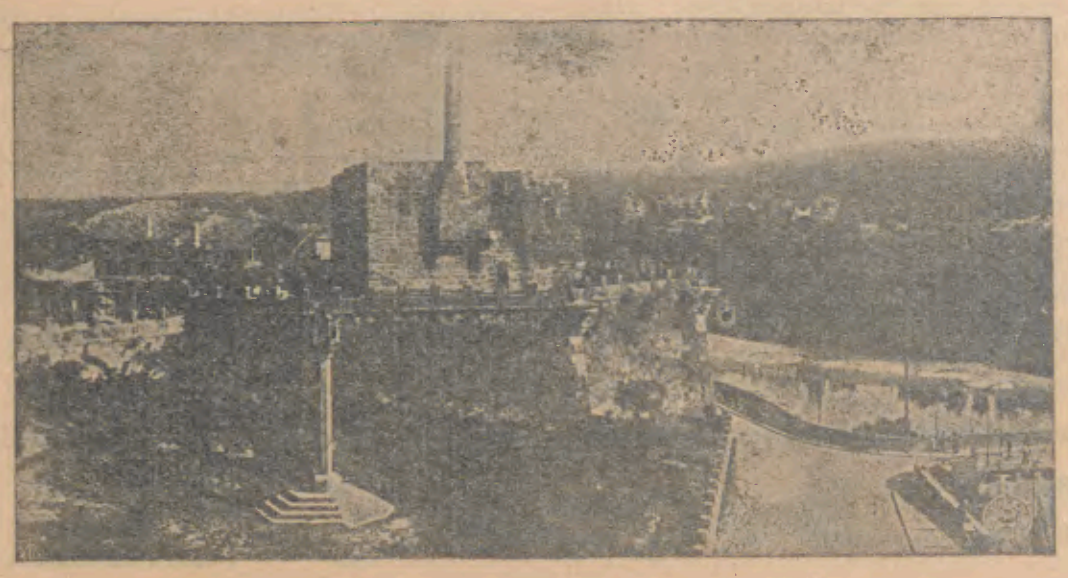
Vai a cidade este ano festejar
Os seus quatro decénios de existência,
E procurá-los vai comemorar
Dando ao acto condigna decência.

Esta notícia dos Jornais da Terra,
Quarent'anos atrás me fez volver,
E ao passear no tempo que descerra,
Pude os meus quinze anos reviver.

Não me passava, então, sequer p'la mente,
Que um quinquénio eu viver ia sòmente
Como Cidade, a Vila em que nasci.

Fôra, assim, pouco o tempo p'ra entender,
Para ao seu novo título me afazer,
Eu que na Vila sempre orgulho vi.

Lx. 1—3—68 A. MARQUES DE AZEVEDO



BARCELOS
Paços dos Condes-Duques

VIDA RELIGIOSA

Domingo «In Albis» — Oitava da Páscoa

EVANGELHO — (S. João—20, 19—31) — Naquele tempo, ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas onde os discípulos se tinham acolhido, por medo dos Judeus, veio Jesus e pôs-se no meio deles e disse-lhes: A paz seja convosco. E, tendo dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Regozijaram-se os discípulos, ao verem o Senhor. Então, disse-lhes outra vez: A paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio. Depois de dizer estas coisas, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo: aos que vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aos que vós os retiverdes, ser-lhes-ão retidos. Tomé, porém, um dos doze, o qual se chama Dídimo, não estava com eles, quando veio Jesus. Disseram-lhe os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu-lhes: Se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e meter a minha mão no Seu lado, não hei-de crer.

Oito dias depois, outra vez estavam os seus discípulos dentro, e Tomé com eles. Estando fechadas as portas, veio Jesus e, posto no meio deles, saudou: A paz seja convosco. Depois, disse a Tomé: Mete aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas fiel. Respondeu Tomé e disse-lhe: Meu Senhor e meu Deus! Tornou-lhe Jesus: Tu creste, Tomé, porque viste; bem-aventurados os que não viram e creram. Jesus fez ainda muitos outros milagres, em presença dos seus discípulos, os quais não vão escritos neste livro. Escreveram-se estes, para que acrediteis que Jesus é o Cristo Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em Seu nome.

Comentário e Aplicações

No Evangelho deste primeiro domingo, depois da Páscoa, vários e importantes pontos se apresentam à consideração dos Católicos, todos eles merecedores da nossa atenção, pois deles poderemos extrair preciosas lições. Entre todos, destacaremos quatro: 1.º — as aparições de Jesus; 2.º— Descrença e conversão do Apóstolo S. Tomé; 3.º — Instituição do Sacramento da Penitência ou confissão; 4.º — Remate do Evangelho de S. João e justificação da sua finalidade.

Sobre qualquer destes pontos, haveria muitíssimo que dizer. Limitemo-nos, porém, a breves apreciações, aplicando a nós próprios o que possa ser útil à nossa formação espiritual.

1.º—Depois da sua gloriosa ressurreição, Jesus Cristo ficou ainda quarenta dias na terra, para aperfeiçoar a sua obra e para confirmar os seus Apóstolos na Doutrina que lhes havia ensinado. Muitas vezes apareceu àqueles que em seu nome haveriam de prègar o Evangelho a toda a criatura, catequizando a Humanidade inteira e administrando o Baptismo e os restantes sacramentos, para que todos os homens se pudessem salvar. Embora não tenhamos connecimento senão de um número reduzido de aparições, é de supor que estas tenham sido muito mais numerosas. Havia que dar aos Apóstolos e, por meio deles, aos homens de todos os tempos e lugares, a certeza da ressurreição, que, como dissemos, no domingo de Páscoa, seria a prova mais concludente e irrefutável da divindade de Jesus. E o nosso Divino Salvador quis, como bom semeador, lançar toda a semente nas inteligências os seus primeiros colaboradores e representantes, deixando, embora, ao Espírito Santo, a missão de a fazer germinar.

2.º—Não estando presente, na 1.ª aparição, o Apóstolo S. Tomé recusou-se a acreditar, pondo condições, fazendo exigências para se submeter à verdade que os seus companheiros lhe apresentavam.

Cristo, sempre bom e compassivo, dignou-se aparecer uma segunda vez, propositamente para chamar ao bom caminho o Apóstolo incrédulo. Foi tal a evidência do argumento, que o descrente se transformou rápidamente em fervoroso e humilde crente. Todavia, o Divino Mestre olhou através dos séculos e viu que muitos homens iriam proceder de igual modo, negando-se a acreditar naquilo que não viram ou não compreenderam. E então pronunciou aquela célebre frase que foi, ao mesmo tempo, censura para os incrédulos e louvor para os crentes: «porque viste acreditaste... Bemaventurados os que acreditaram sem ver...».

Neste ano jubilar da Fé, façamos todos nós, católicos, a nossa profissão: Creio em Deus Pai... e em Jesus Cristo ... e no Espírito Santo. Creio na Santa Igreja Católica... Amen.

3.º—Ficou célebre este encontro de Jesus com os seus Apóstolos. Conhecendo, como ninguém, a fraqueza humana e vendo que, para muitos homens, não seria o bastante serem baptizados, pois cairiam em sucessivos pecados, Cristo deu aos Apóstolos e, na pessoa deles, aos seus sucessores o poder de perdoar pecados. Conferiu-lhes plenos poderes para perdoar ou não perdoar aos pecadores as suas fraquezas. Simultâneamente, constituiu-os juízes, para aquilatarem das disposições dos penitentes, para verificarem se eram ou não susceptíveis de obter o perdão. «A quem perdoardes, perdoarei; a quem não perdoardes, não perdoarei».

Agradeçamos ao Senhor a sua tão grande misericórdia para conosco, que todos somos, mais ou menos, pecadores.

Que seria de nós sem a Confissão?

4.º— Este trecho do Evangelho é o último desta preciosa obra que S. João escreveu, sob inspiração divina. Propôs-se, antes de mais, provar a divindade de Jesus. E conseguiu-o, sem dúvida. Relatou apenas aquilo que poderia facilitar a sua finalidade. Muitas coisas omitiu que não vinham a propósito.

Sem dúvida que, de Quem passou a vida fazendo o bem, muito mais havia a dizer.

Façamos um acto de fé, viva e abrasada, na divindade de Jesus. Agradeçamos-LHE ter-se dignado descer à nossa pobre condição de homens para nos divinizar, para nos fazer participantes da sua natureza divina, concedendo-nos a sua graça, e disponhamo nos a colaborar com essa graça sublime, que nos eleva acima da nossa mesquinhez, e, cheios de reconhecimento, digamos, como S. Tomé: «Meu Senhor e meu Deus!».

P.e F. Brito

Expansão do Português no Mundo

(Continuação da 1.ª página)

A poesia continua-se e nela se misturam o Português, o Castelhano, o Italiano, o Francês e o Latim. Poderia, de facto, ter causado, a seu tempo, grande efeito; porém, esbatida no espaço, não passará duma das muitas bizarrices do autor e demonstra-nos, palpàvelmente, a influência de idiomas estranhos nas camadas literárias das épocas.

É certo que estas influências já haviam marcado indelèvelmente o nosso idioma como o testemunham a vinda para a Península dos condes D. Henrique e D. Raimundo, acompanhados das suas comitivas; a chegada a Portugal de muitos colonos de várias origens, nomeadamente da França; o gosto provençal dos cantares de amor ou das canções de gesta ouvidas a jograis em festas e romarias; as traduções que os nossos obreiros da prosa fizeram do latim e do grego para escreverem as hagiografias, os livros de moral e de exemplo, e, ainda os romances de cavalaria; a hegemonia do Castelhano sobre a língua galaico-portuguesa que se há-de estender desde a publicação do Cancioneiro de Baena até fins do século XVII; o uso menos generalizado do italiano em poucas composições poéticas; e, por fim, o gosto pelo estudo das antigas civilizações grega e romana, visto ter-se, como muito honroso, imitar os mestres já consagrados pela fama, como o documenta Pedro de Andrade Caminha. quando nos diz:

«A imitação tem a sua autoridade
Em seguir só o antigo, e escolhido;
Ganha assim melhor nome e [gravidade,
E com rezão lhe é mais louvor [devido;
Mas s'alguém se igualar a [antiguidade,
Porque imitado não será, e seguido?

É por isso que, à medida que nos vamos afastando do começo da nossa nacionalidade, a linguagem vulgar, que não deixará de se transformar e de se enriquecer, se via diferenciado, cada vez mais, da erudita: na poesia, substituindo os acordes da música e o ritmo compassado da dança, por formas mais subtis, substanciosas e melódicas até chegar à renovação interior, com o alargamento de novos temas; na prosa—e por um processo mais longo—a exposição das ideias, feita, na sua fase inicial, pelo uso e abuso da coordenação simples, há-de permitir a chegada ao equilíbrio, pelo que, numa fase bem mais adiantada, os escritores, revelando um grande domínio da língua, tornarão, de acordo com as necessidades estilísticas, os períodos mais curtos ou mais extensos.

Quando Portugal descobre a sua vocação e se lança na política de expansão ultramarina, uma e outra estão aptas a traduzir toda a forma de pensamentos humanos; uma e outra são já capazes de transmitir, com grande precisão e clareza, toda a nossa cultura e civilização.

Veja-se, por exemplo, quanta harmonia e suavidade há nesta simples e belíssima cantiga de João Rodrigues de Castelo Branco, uma das muitas do século XV, a que, ùltimamente, a Rádio e a Televisão têm dado expansão, através de um dos vários agrupamentos musicais:

Senhora, partem tão tristes
Meus olhos por vós, meu bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém!

Tão tristes, tão saudosos,
Tão doentes da partida,
Tão cansados, tão chorosos
Da morte mais desejosos
Cem mil vezes que da vida!

Partem tão tristes os tristes,
Tão fora de esperar bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém!

O saudosismo, que nos corre nas veias e que nos surge, nesta antiga composição palaciana, tão melòdicamente marcado, é uma das características dos celtas e transmitida, por via oral ou escrita, de pais a filhos, o que levou Almeida Garrett a dizer que a palavra *saudade* era uma das únicas exclusivas do nosso vocabulário, sem tradução exacta em qualquer língua. Na verdade, a saudade anda sempre agarrada a nós durante toda a vida, o que explica o apego que sempre mantemos bem vivo à nossa língua, aos nossos usos, aos nossos costumes, a tudo quanto nos possa recordar a nossa terra e a nossa família.

(Continua no próximo número)

VISITA PASTORAL

O venerando Bispo Auxiliar visitará pròximamente as seguintes freguesias: Viatodos, no dia 21, de manhã; Durrães, no mesmo dia, à tarde; Vilar de Figos, no dia 22, às 15 horas; Grimancelos e Chavão, a 26, de manhã e de tarde, respectivamente.

Indústria verdadeiramente portuguesa
A Manufactura Nacional de Borracha impõe-se pela qualidade dos seus pneus
e pela capacidade de produção bastante para o nosso mercado
— conclui-se da visita a Lousado de mais de 500 pessoas, em representação dos Agentes da Empresa.

O valor da nova fábrica de Lousado, pertencente à Mabor, como facto positivo de desenvolvimento da indústria de pneus em Portugal e, também, como elemento válido no desenvolvimento regional do País, programado no III Plano de Fomento, ficou bem evidenciado durante a visita que efectuaram à nova unidade fabril os agentes daquela empresa, entre os quais os srs. Manuel Pereira Quinta Junior e António Quinta da firma Manuel Gomes de Almeida e Luís Manuel Carvalho Lopes da firma Fernando Martins Lopes que tem a seu cargo a representação dos produtos Mabor nesta região.

Constituíu uma verdadeira festa dedicada pela Mabor aos seus agentes, uma vez que a fábrica de Lousado não havia sido inaugurada oficialmente e foi a visita o primeiro acto de carácter exterior que ali se efectuou, findas as obras de expansão fabril.

Aliás, o sr. Conde da Covilhã, presidente do concelho de administração, no discurso que proferiu no almoço que se seguiu à visita, realçou a posição que os agentes ocupam no quadro humano da empresa, sendo elementos valiosos no circuito produção—consumo e pedras motoras no progresso daquele ritmo industrial.

Os convidados, em número de 450 pessoas, em representação de 200 firmas agentes, percorreram demoradamente a fábrica, sempre acompanhados por técnicos, que lhes prestaram os devidos esclarecimentos.

A visita começou pelo armazém das matérias primas, passando dali à secção de composição, onde se processa a mistura, aos moinhos onde se tornam mais fluídas as espessas tiras de borracha, à tubuladora e, depois, às secções de construção e de vulcanização.

A secção de pneus radiais despertou particular interesse, em virtude dos cuidados da climatização e ausência de poeiras a que obriga a sua delicada técnica de fabrico.

Concluída a visita, os convidados assistiram à projecção de filmes técnicos sobre o estudo e o ensaio de pneus e sobre os métodos de assistência técnica.

Seguiu-se, por fim, o almoço, em que estiveram presentes os principais dirigentes e técnicos.

O Discurso do Snr. Conde da Covilhã. Aos brindes, o Presidente da Mabor disse:

Em nome do Concelho de Administração da Mabor e em meu próprio nome, tenho o grato prazer de saudar V. Ex.as e de lhes apresentar agradecimentos pelo estímulo da vossa presença nesta reunião comemorativa de mais um aniversário da empresa e, sobremaneira, de um importante passo na sua actividade. Bem-vindos, pois, a esta casa que tanto honram com valiosa colaboração e amizade comprovadas no decorrer do tempo.

✦

A Mabor iniciou a sua laboração há 22 anos, estabelecendo em bases sólidas a indústria portuguesa de pneus para veículos automóveis. De então para cá, tem-se percorrido todo um caminho de valorização e progresso ao serviço da economia nacional.

O crescimento do parque automóvel e a necessidade de evitar uma importação, que se traduzia em pesado encargo para a nossa balança comercial e de pagamentos, estiveram na raíz do empreendimento a que nos devotamos, com a colaboração prestigiosa da General Tire.

Procurando acompanhar as solicitações do consumo, foi a Mabor autorizada, em 1965, a ampliar as suas instalações de maneira a produzir, anualmente, mais de 10 mil toneladas de pneus e câmaras de ar. No uso dessa autorização, foi possível materializar as instalações que V. Ex.as acabaram de visitar.

Os investimentos feitos com a nova unidade industrial são superiores a 200 mil contos, e o novo edifício fabril ocupa uma área de cerca de 30 mil metros quadrados.

A grandeza desta realização e o progresso técnico que a caracteriza afirmam, de maneira bem significativa, toda a potencialidade da nossa organização industrial e são segura garantia para o fortalecimento da colaboração que sempre temos mantido com V. Ex.as na comercialização dos nossos produtos.

✦

Desde 1946, ano em que a Manufactura Nacional de Borracha produziu 32.670 pneus, num total de 597 toneladas de pneus e câmaras de ar, até ao ano de 1967, em que se podem considerar findas as obras de expansão fabril e em que a produção atingiu 507 mil pneus e quase 8 mil toneladas, longo e frutuoso foi o caminho percorrido pela Mabor, que, até ao termo do ano transacto, lançou no mercado cerca de 82 mil toneladas de pneus e câmaras de ar, compreendendo quase quatro milhões e meio de pneus e mais de 3 milhões de câmaras de ar. E, se dividirmos a sua existência em três períodos sucessivos de sete anos, veremos que, no primeiro destes, foram produzidos 12 mil toneladas distribuídas por 547 mil pneus; no segundo 22 mil toneladas num milhão e 181 mil pneus; e no terceiro 40 mil toneladas, divididas por 2 milhões 179 mil pneus, o que é bem elucidativo quanto ao ritmo do crescimento para satisfazer a procura.

O orador analisou seguidamente, numa breve e esclarecida exposição, a problemática do mercado interno e externo de pneus, referindo-se, nomeadamente, aos condicionalismos que afectam o mercado da borracha.

Mais adiante referiu-se o sr. Conde da Covilhã à instalação da nova indústria de montagem de veículos automóveis no nosso País e consequente aumento do parque automóvel nacional o que originou a rápida expansão da indústria de pneumáticos para responder ao acentuado aumento da procura.

Estamos certos de que o nível de produção que atingimos permitirá regularizar e melhorar as condições de abastecimento.

(Continua no próximo n.º)

Fernando da Costa Fernandes

No dia 24, tem a sua festa natalícia, este nosso distinto Amigo, muito ilustre Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Barcelos.

As nossas felicitações.

CARROS USADOS
Com Garantia
Renault R—8 Major 1965
Fiat 600 1959
Fiat 600 1956
Fiat 1.100 1956
Fiat 1.100 Sport 1957
Fiat 850 1965
Fiat 2.100 1960
Camião Bedford 6 Ton. 1966
Garagem Machado
Telef. 82466—BARCELOS

VENDEM-SE
Duas casas r/c com quintal, junto à estrada, no lugar dos Penedos de Cima, em Arcozelo.
Falar com José Luís Ribeiro.

Os Doces DA PASTELARIA ARANTES TÊM SIDO, TODOS OS ANOS, CONSIDERADOS OS MELHORES

"O BARCELENSE" DESPORTIVO

- Campeonato Nacional da III Divisão
- Homenagem que se impõe
- Um exemplo de homem do futebol gilista

Gil Vicente, 2—Aves, 1

Apesar do domingo transacto, ser dia de Páscoa, mais uma vez os desportistas gilistas corresponderam àquilo que temos vindo a afirmar—o seu grande querer pelo Gil Vicente. Só assim e com a vontade dos atletas é que o nosso agrupamento comanda agora isolado a classificação da sua série. Amanhã teremos a difícil «saída» a Viana do Castelo e esperamos que a jornada nos traga as alegrias que ùltimamente temos recebido. Se assim for, seremos um candidato sério ao título.

Foi a Tertúlia Gilista do Porto que há dias homenageou o ex: futebolista do Gil Vicente João Vieira. Justa homenagem a um atleta que ao Serviço do Clube da sua terra dedicou uma carreira que foi gloriosa. Pena foi que essa homenagem não tivesse por cenário o nosso campo Ribeiro Novo, mas circunstâncias deveras caprichosas fizeram com que esse atleta fosse aqui esquecido. Ainda não será tarde para que os barcelenses possam um dia relembrar as tardes gloriosas que o nosso representante viveu e em que João Vieira foi um dos seus obreiros. Mas, quanto a nós, não devia ficar por aqui a lembrança única de João Vieira, mas também a de um elemento que ao Gil Vicente deu o seu contributo, ao longo de muitas épocas, vindo dos seus Juniores e defendendo sempre as cores barcelenses, está esquecido injustamente.

Trata-se de Alfredo o nosso mais conhecido Rabazolas. Quantas tardes no nosso ambiente e em ambientes estranhos ele se cotou como um gigante!... Esquecer estes elementos e essas horas de euforia do ambiente gilista, não é próprio dos barcelenses e por isso estamos certos de que essa homenagem não está esquecida. Nós daqui prontificamo-nos a tomar parte numa organização para o efeito e esperamos que alguém mais nos acompanhe, portanto Rabazolas é digno de uma homenagem e de um justo reconhecimento dos gilistas que viveram essas jornadas de glória.

● Para nós, falar de desporto é uma satisfação e essa fortifica-se mais ainda, quando tomamos conhecimento de casos cuja raridade nos obriga a registá-los e que só pelos seus aspectos.

São dignos dos mais variados tipos de admiração. O caso que hoje nos vai ocupar, poderá ser-nos reprovado, mas ao servirmo-nos destas colmas fazêmo-lo com o propósito de atingir sempre como finalidade, o registo de tudo quanto em favor do desporto é caveredado pelo caminho do bem.

O homem que vive o futebol gilista e que aqui queremos focar, trata-se do treinador Eduardo Mendez que deu um exemplo de honestidade para com os gilistas. A treinar graciosamente o grupo de Fão e que levou aquele agrupamento a uma carreira brilhante no campeonato findo, desligou-se da sua turma, uma jornada antes da visita do Gil Vicente, no seu jogo decisivo. Essa atitude bem atestar brilhantemente o seu sempre excelente comportamento ao serviço dos barcelenses e com o propósito de desejar-lhes um fututo brilhante.

Essa atitude registamo-la com satisfação pela maneira como Eduardo Mendez demonstrou trazer o Gil Vicente no seu íntimo, como se de um barcelense se tratasse Tomamos conhecimento de que Eduardo, a propósito de várias atitudes de alguém mal intencionado, se vai desligar inteiramente do Club de Fão, mas daqui o encorajamos a que continue a trabalhar pelo futebol, pois os seus méritos e as suas qualidades estão já bem firmados nas andanças futebolistas. Que continue ao serviço do Fão, pois Eduardo trouxe a barcelos a sua turma que aqui se cotou como a mais correta que pisou o campo Adelino Ribeiro Novo.

São os nossos sinceros votos.

FESTAS DE ANOS

Dia 18

Padre Alfredo Martins da Rocha, Joaquim Pereira Gomes, Dr.ª D. Maria Emília Hidalgo Cambra de Albuquerque Castro e Almeida de Sousa Basto.

Dia 19

Eng.º José Fernandes Vasconcelos Pinheiro, D. Maria Manuela Pacheco, D. Maria da Graça Pimenta Antunes, Engenheiro Anífbel Rodrigues Araújo, D. Crisálida da Conceição Gonçalves Lopes Pereira dos Santos, menino José Maria da Silva Perestrelo, Padre Rodrigo Alves Novais.

Dia 20

Carlos Alberto Vieira de Sousa Basto e D. Maria Alice Modesto Sequeira Pedroso.

Dia 21

Manuel Fernando Pereira Almeida, D. Ana Maria Feio de Sá Carneiro e D. Maria Teresa Figueiredo Pereira Machado.

Dia 22

Eng.º Manuel Sampaio Amaral, menina Maria Antónia Barbosa Borges Vinagre e a menina Maria Arminda Serrano Nunes de Oliveira

Dia 23

José Braz da Fonseca, D. Maria Emília de Azevedo Lavado, António José de Sousa Costa e D. Carolina Manuela Lopes Veiga da Silva Correia.

Dia 24

D. Maria Heleda da Silva Freitas Miranda, D. Maria Euridice Pimenta Costa, Guilherme Manuel Pereira dos Santos, Fernando da Costa Fernandes e D. Maria dos Prazeres Martins da Costa e Silva.

Comandante António José de Sousa Costa

Tem a sua festa de anos no dia 23, este nosso prestável e querido Amigo, muito digno Ajudante da Conservatória do Registo Predial, nesta cidade, activo Menbro da Direcção da Casa dos Rapazes e valoroso 2.º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, aquem enviamos as nossas muito sinceras felicitações.

Cinema dos Bombeiros Voluntários de Barcelos

Apresenta, hoje às 21,30, e amanhã às 15,30 e 21,30, o grandioso filme colorido.

EXODUS

O maior drama épico do nosso século, para maiores de 17 anos.

Um filme que esteve sete semanas em Lisboa.

Tenente João Cândido Ferreira Veloso

Missa do 2.º Aniversário

Hoje, faz dois anos, que faleceu este nosso prestimoso Amigo, e muito ilustre barcelense.

Sua esposa manda celebrar uma missa, na Igreja de Santo António, pelas 19 horas, agradecendo a assistência à mesma.

AVISO – CHENOP

Avisam-se os Srs. consumidores, moradores nas áreas abastecidas pelos postos de transformação de Barqueiros, Cristelo, Gilmonde, Vila Seca e Fornelos, que a corrente eléctrica será interrompida no próximo domingo, 21 do corrente, das 8,00 às 15,00 horas.

Todas as instalações devem ser consideradas em carga, a fim de evitar acidentes.

Barcelos, 16 de Abril de 1968

VENDE-SE

Prédio para 6 inquilinos e 3 garagens. — Com a área total de 780m2.

Construção nova em acabamento a estar pronta em Maio. Bom rendimento. Preço 950 contos.

Resposta a este Jornal ao número 13.

Aluga-se Casa de Campo em S. Veríssimo

Mobilada, com luz e água, a cinco minutos da cidade.

Falar com o Snr. Augusto Pereira Campo 5 de Outubro, 38--Barcelos

TRACTORES AGRICOLAS

Brevemente será lançado no mercado UM TRACTOR diferente, construido pela maior Fábrica de Tractores na Alemanha. Oportunamente indicar-se-à o local da Exposição do mesmo Tractor, que é formidável.

Aqui, Janela de Fão

(*Continuação da página 4*)

A toda a família os nossos sentimentos e, dum modo especial, a seu filho Manuel Afonso Novo, chefe da Repartição de Finanças, em Terras do Bouro.

NOTÍAS PESSOAIS

Para Moçambique, onde se encontra em missão de soberania, e após umas curtas férias, partiu o nosso prezado amigo e conterrâneo, Sr. Capitão Albino Gomes Viana. Muitas felicidades lhe desejamos.

De França, onde estava a trabalhar, regressou o nosso conterrâneo, Sr. Belmiro Gomes Viana. Seja benvindo.

De visita à nossa terra, vimos últimamente os nossos amigos e considerados barcelenses, Srs. Carlos e Luís da Silva Esteves, a quem cumprimentamos com desejos de visitas mais assíduas.

X

Contra o Míldio

Aspor

Venceu!

não há Míldio que lhe resista

Consulte o folheto e antes de usar leia o rótulo da embalagem

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Correspondência de CREIXOMIL

(*Retardada na Redacção*)

NOVO ASSINANTE

O nosso prezado amigo snr. Manuel Rodrigues Martins, deu-nos a honra de se inscrever como assinante deste velho «semanário».

FUTEBOL

No passado dia 7 do corrente a nossa equipa deslocou se à freguesia de Alvelos a fim de ter um encontro com o clube local.

Por volta das 16 horas teve início o desafio, com ambas as equipas a mostrar o seu melhor futebol, chegando-se ao entrevalo com um empate (1—1).

Passado o tempo regularmente começou a partida, que continuou muito animada e com as equipas equilibradas; por volta dos vinte minutos da 2.ª parte surgiu o 2.º golo da equipa local e pouco depois o 3.º, golo este que qualificamos injustificado, pois que o adversário se colocava em posição irregular, mas, como costuma dizer-se «quem manda pode» ouve que aceitar;

Neste encontro os nossos jogadores que até então vinham fazendo uma excelente exibição, perderam todo o seu ritmo, ficando completamente desorientados o que os levou a ter de sofrer mais dois golos, sendo um também irregular, o qual tinha fácil defesa, mas nada preocupou o guarda-redes, porque estava atento ao que se passava.

No final do encontro tivemos oportunidade de trocar impressões com a direcção do Águias F. C. de Alvelos, os quais nos disseram que o resultado final do encontro estaria mais certo se fosse 3-1; ora esta afirmação dos dirigentes da equipa beneficiada, vem comprovar a queda fatal dos nossos jogadores, após o consentimento das irregularidades cometidas no desafio, depois dos 20 minutos da 2.ª parte.

Quanto a jogadores tanto duma como doutra equipa, verificamos boa camaradagem.

Aqui queremos deixar uma palavra de louvor à assistência de Alvelos: a boa educação que mostraram durante todo o desafio, o que infelizmente em poucas partes se vê; esperamos, poder retribuir.

Cine-Teatro Gil Vicente

Amanhã às 15,30 e 21,30 será exibido o filme de classe excepcional:

«COGNAC» O MEU RIVAL

As peripécias divertidissimas dum conquistador em Paris.

Com Tony Curtis e Christine Kaufmann.

Em Eastmancolor. Para adultos.

Na 5.ª-feira, 25, às 21,30, a obra imortal que tem apaixonado as multidões:

AS DUAS ORFÃOS

Uma epopeia humana de misérias e grandezas.

Do célebre romance de A. D'Ennery.

Com Mike Marshall, Sophie Dares etc.

Em Eastmancolor. Para maiores de 12 anos.

A seguir:

O espectaculo deslumbrante MARY POPPINS

Graças a S. Judas Tadeu

Agradece F. C. S.

D. Carolina Monteiro Neves Mesquita

AGRADECIMENTO

A família da querida extinta, vem por intermédio de *O BARCELENSE* agradecer a todas as pessoas que assistiram ao funeral, às missas e lhe prestaram finezas, por tão triste acontecimento.

A todos, reconhecidamente gratos.

Barcelos, 19 de Abril de 1968

A FAMÍLIA

D. Delfina Araújo Silva Azevedo

Agradecimento e Missa 30.º Dia

Sua filha, genro e demais família agradecem às pessoas que assistiram ao funeral e à Missa do 7.º dia ou que de qualquer modo lhes manifestaram o seu sentimento e amizade e pedindo desculpa por alguma falta involuntária, participam que no próximo dia 24 do corrente pelas 19 horas na Igreja de Santo António será celebrada Missa em sufrágio da sua alma, tornando o seu agradecimento extensivo aos que se dignarem assistir a esta cerimónia religiosa.

António Augusto da Silva Costa
Maria Teresa da Silva Azevedo Costa

Grémio da Lavoura de BARCELOS

AVISO

O Grémio da Lavoura de Barcelos, avisa os seus associados de que é de toda a vantagem fazer neste Grémio a declaração de sementeira de batata, para estar ao abrigo de uma futura intervenção pela Junta Nacional das Frutas.

O prazo é de 15 dias a contar da plantação.

CONCURSO PECUÁRIO

Está aberta a inscrição para o concurso Pecuário a realizar no dia 3 de Maio.

DIVULGANDO

Pelo país fora:

- Em Lisboa, um alienado subiu à estátua dos Restauradores, até à figura da Vitória, tendo os bombeiros de montar uma escada «Magirus» para o retirarem.
- Antigos combatentes da Flandres evocaram a batalha de La Lys, no cinquentenário do «9 de Abril».
- Em sexta-feira santa, realizou-se, pela primeira vez, nas ruas de Lourenço Marques, uma Via-Sacra.
- Foram identificados pela Polícia Judiciária os autores do assalto à agência do Banco de Portugal, na Figueira da Foz, em Maio do ano passado, a maioria dos quais já foram detidos.
- Foi aceso em Roma pelo Santo Padre, um lampadário de bronze e vidro artístico, que o Cardeal Pizzardo ofereceu ao Santuário da Cova da Iria.
- No 22.º Congresso Mundial das Juventudes Musicais, realizado em Lisboa, participaram 500 congressistas, representando mais de 20 países.
- Importará em sete mil contos o novo edifício da Escola Técnica da cidade de S. Tomé.
- A equipa portuguesa de Juniores classificou-se em 3.º lugar no Torneio Internacional da UEFA, realizado em França, tendo perdido apenas com a Checoslováquia, por 1—3, enquanto a selecção nacional de óquei em patins venceu o Torneio de Montreux.

Visita Pascal nos Paços do Concelho

Constituíu acontecimento digno do maior relevo a Visita Pascal aos Paços do Concelho de Barcelos, iniciativa merecedora dos maiores encómios, dado que, naquela Casa, está a representação de toda a população barcelense.

Às dez horas precisas, o Ex.mo Snr. Dr. António Vasco Alves de Faria, ilustre Presidente do nosso Município, rodeado de sua Ex.ma Esposa, de todos os Senhores Vereadores e Funcionários da Câmara e estando presente o ilustre Deputado barcelense, Snr. Professor Doutor Joaquim José Nunes de Oliveira, Ex.ma Esposa e Filhos, e ainda numerosa e selecta assistência, recebeu o cortejo pascal que era presidido pelo Rev.mo Snr. Padre Alberto da Rocha Martins, em representação do nosso D. Prior, presente também, mas impossibilitado, por doença, de percorrer a sua paróquia. Dadas as boas vindas pelo Snr. Presidente da Câmara, agradeceu o Rev.mo Sr. Padre Alberto, ficando toda a numerosa e distinta assistência verdadeiramente encantada com esta nota de espiritualidade verificada na «DOMUS MUNICÍPALIS».

TRILOGIA

A VERDADE:

A Grande e Maior VERDADE
É aquela que redime,
Brilhante de intensa luz,
Belo exemplo da verdade,
Foi a vida sublime
Do doce Rabi—Jesus.

A MENTIRA:

A MENTIRA é ardilosa
De vaidades concebida
E ouropéis de falso ouro,
Faz sempre a mulher vaidosa,
Perdendo o moral da vida,
Que é precioso tesouro.

A SAUDADE:

Nuvens do findar da tarde,
Finas rendas de encantar
Tecidas por mãos de fadas,
Tudo isto é a SAUDADE,
«Doce e amargo pesar»
Do *Tudo* que fica em *Nada!*

Primavera de 1968

NOÉMIA GUERREIRO
(Avó Béna)

AQUI, JANELA DE FÃO

COMENTÁRIO SEMANAL

Encontra-se a nossa terra em plena festa com a realização da tradicional Romaria do Senhor de Fão, hoje, pràticamente, iniciada.

Veste, nesta altura, Fão as suas melhores vestes não só para receber os numerosos romeiros que, alguns deles, de tão longe se deslocam para cumprir as promessas feitas ao Bom Jesus, em horas difíceis, mas também para dar satisfação à nossa alegria e bendizer a Veneranda Imagem do Senhor de Fão, orgulho máximo dos filhos da nossa terra.

O «Senhor de Fão»!... A Romaria do Senhor de Fão que, desde longas datas, se vem realizando e que inúmeras gerações têm levado a efeito e procurado manter viva, na geração actual.

Mas o «Senhor de Fão» como chamamos ao Senhor Bom Jesus, é essa imagem querida que nos habituámos a adorar e amar, ainda ao colo de nossas mães. Quantas e quantas vezes, ajoelhados junto delas, verificámos as lágrimas que pelas faces de nossas mães deslizavam, quer em momentos de súplica quer em momentos de agradecimento, de gratidão. É essa imagem Veneranda que os fangueiros adoram e é a ela que lhe segredamos as nossas súplicas, as nossasa spirações, os nossos desejos, sobretudo, nos momentos mais sombrios da vida.

Ao «Senhor de Fão» todos os bons fangueiros recorrem e até muitos dos transviados. É ver, quantas e quantas vezes, pela calada da noite, como a caminho do seu mosteiro quantos se dirigem e... muitas vezes, de *joelhos* ...

É a festa do *Senhor de Fão* a nossa principal romaria e, em tempos melhores que os actuais, era também a festa dos nossos vizinhos mas também dos de longe, sobretudo do alto Minho, donde vinham inúmeros romeiros cantar o seu *clamor*, o CLAMOR DO SENHOR DE FÃO, que, com o decorrer dos tempos, foi desaparecendo mas que, em determinadas terras, ainda hoje, se realiza, no dia do «Senhor de Fão».

Tem-se vindo anualmente a realizar esta romaria, com mais ou menos pompa; contudo, graças aos esforços de alguns e à cooperação de todos, ela vai-se mantendo, ainda que com uma programação, desde há muito, desactualizada, diremos melhor, — ultrapassada.

Também, no ano corrente, segundo o programa distribuído, a romaria matem-se ao mesmo nível dos últimos anos, verificando pois que a estagnação dos vários números continua.

É enorme, não há dúvida alguma, o sacrifício da comissão para levar a efeito a sua realização; mas também não deixamos de compreender que esta inércia é filha da falta de certa emulação, daquela falta de estímulo que, em tempos idos, alimentava o fogo sagrado das comissões das Pedreiras e do centro de Fão.

Porque não voltar à organização das duas comissões, integrando-as, igualmente, com gente nova, a quem o facho do fogo deverá ser passado e continuado pelas gerações vindouras?

Haveria assim melhor divisão de esforços, surgiria aquela rivalidade construtiva, aquele desejo que levou a romaria do «Senhor de Fão» a atingir grande auréola e a ser considerada uma das grandes Romarias do Minho, o que, para nós, para a nossa terra constituía motivo de justificado orgulho.

Oxalá que se pense bem nisto, neste assunto de tanta importância para a nossa terra, e que o tão apregoado *bairrismo fangueiro* acorde os indiferentes, chame à realidade outros e consiga operar uma transformação, já na romaria do ano de 1969.

Aguardemos o desenrolar dos acontecimentos e cremos que a chama sagrada da tradição fangueira operará o milagre.

Da «nossa Janela» aguardamos e, igualmente, fazemos votos para que a nossa romaria decorra a agradar a todos, para todos ficarmos de parabéns. Oxalá assim aconteça.

SEMANA SANTA

Como nos anos anteriores, realizaram-se, na igreja matriz, alguns actos litúrgicos, próprios da semana finda, terminando com a missa da Ressurreição, às primeiras horas de domingo, com a igreja completamente cheia.

A Semana Santa, de tão ricas tradições em Fão, desde há muitos anos que se tem reduzido a alguns actos litúrgicos, em cumprimento de certos legados; aquelas solenidades das «Endoenças» e as respectivas procissões desapareceram do cenário fangueiro, há cerca de 19 anos, o que é de lastimar, tanto mais que gerações há que jamais as viram.

Precisamos de as levar a efeito, para que a nossa juventude possa retemperar a sua fé ao assistir aos grandes mistérios que envolvem a *semana maior*.

À Mesa da Santa Casa da Misericórdia, a quem estas solenidades estevam adstritas, lembramos o caso: oxalá que a sua restauração se faça.

Como a Mesa é eleita trienalmente, porque não há-de a gerência, no seu ultimo ano, levar a efeito essas solenidades, de todos nós tão queridas? Porque não se há-de realizar-se—A SEMANA SANTA EM FÃO—de três em três anos? Vamos pensar todos nisto?

VISITA PASCAL

Realizou-se, tal como nos anos anteriores, a costumada visita Pascal, visita esta aguardada sempre com grande interesse e alegria.

De facto, depois duma semana inteira a convidar à meditação sobre o iníquo processo de Jesus, os clarões da Aléluia vêm ao encontro da nossa alma, do nosso sentir e assim festejamos com sincera alegria a ressurreição de Jesus, a vitória de Cristo sobre a morte.

Sendo uma das festas mais queridas de Portugal crente, entre nós a visita domiciliária de duas cruzes é motivo para festa alegre e assim aconteceu. O nosso reverendo Prior e o seu representante foram recebidos em todas as casas, com a maior pompa e honras devidas.

Aléluia! Aléluia pois.

D. ARTUR BARROTE

O público tomou conhecimento de que este ilustre facultativo e conceituado presidente da Comissão Concelhia da União Nacional de Esposende foi nomeado, após o respectivo concurso, delegado adjunto da Direcção de Saúde Distrital de Viana do Castelo.

Contudo o Sr. Dr. Barrote, graças à sua alta compreensão e à dedicação à terra que o estima e respeita, continua a prestar serviços no nosso hospital, onde dará consulta, três vezes por semana e, ainda, algumas vezes, em sua casa.

Amigo do seu amigo, amigo da terra de alguns dos seus filhos, ele não poderia deixar-nos de forma radical, tanto mais que se trata duma pessoa que cultiva, com rara elegância, o sentimento da gratidão.

E porque o Sr. Dr. Barrote vem ao ao nosso Hospital e passa uma parte da semana em sua casa, entre nós, o nosso povo rejubilou imenso com a notícia, com essa notícia que levou muitos a exteriorizar-se alegremente e os nossos pobres a pedir a Deus pela sua saúde. Antes assim.

CAFÉ MAIA

O nosso prezado assinante, Sr. José Ribeiro Maia, na ânsia de servir, cada vez melhor, os seus prezados clientes e amigos, acaba de substituir o aparelho de televisão, que no seu café existia, por um novo receptor, à altura das circunstâncias.

Pelo que verificamos, a todos vai agradar e, dum modo especial, aos desportistas que frequentam o «Café Maia» pois que, a partir de agora, poderão asistir às transmissões do seu desporto favorito, transmitidos não só pela RTP mas também pela estação da vizinha Espanha.

Está, portanto, de parabéns o Sr. José Maia e, igualmente, os seus clientes e também a terra que vai vendo valorizados os seus estabelecimentos.

Boa sorte pela iniciativa, são os nossos votos.

VIDA DESPORTIVA

Empenhado na disputa da taça da A. F. de Braga encontra-se o club local e, no momento, encontra-se à frente da sua série, e com dois jogos e idêntico número de vitórias.

Oxalá que tal competição sirva para chamar novos elementos e não seja motivo para desercões. Há muita gente que não serve para conduzir homens e sobretudo quando se trata de jovens a quem o desporto se destina.

As coisas do desporto são tratadas desportivamente, com elegância e sobretudo, com educação e respeito. As outras coisas são tratadas à parte e nada de misturar alhos com bogalhos pois podem surgir inconvenientes.

Aguardemos algum tempo...

—Para festejar a sua permanência na respectiva divisão, ofereceu a direcção do club local um jantar de confraternização aos seus atletas, ao qual assistiu, e bem assim alguns associados que, para tal fim, se inscreveram, tendo tudo decorrido normalmente, com o que nos congratulamos.

FALECIMENTOS

Após uma doença, que se agravou ràpidamente, faleceu o nosso conterrâneo Sr. Manuel Gomes Penetra, considerado e antigo comerciante local. O Penetra, como era mais conhecido, era um fangueiro dos bons, daqueles que sentiam as coisas da terra que o viu nascer e pela qual trabalhou, em tempos idos, quer nas festas da Senhora da Bonança quer nas festas do Senhor de Fão e, ainda, nas várias revistas que entre nós foram levadas à cena, com costumes locais.

Deixa viúva a Senhora D.ª Idalina Gageiro Salgado Penetra, a quem apresentamos o nosso cartão de sentidos pêsames.

Também na vizinha freguesia de Fonteboa, após curta doença, faleceu o considerado proprietário Sr. Isolino Afonso Novo, que entre nós era conhecido e estimado por numerosos amigos.

(*Continua na 3.ª página*)

Por esse mundo além

- Por um decreto do ministro da Justiça do Brasil, foi posta fora da lei a «Frente Ampla», movimento organizado pelo ex-governador Carlos Lacerda, aliado aos ex-presidentes Juscelino de Oliveira e João Goulart.
- O chefe dos Conservadores britânicos declarou, na Associação das Nações Unidas, que os Governos de Portugal, da Rodésia e da África do Sul não representam qualquer ameaça à paz e à segurança internacionais.
- Verificou-se uma explosão numa armaria de Indiana, havendo 24 mortos e uma centena de feridos.
- Com 137 pessoas a bordo, aterrou em chamas, no aeroporto de Londres, um «Boeing 707» salvando-se os 11 tripulantes e 103 dos passageiros.
- Em consequência dum ataque cardíaco, faleceu a dona do motel «Lorraine», onde Luther King foi assassinado.
- Afundou-se um «ferry-boat», à entrada do porto de Wellington, morrendo 40 pessoas e desaparecendo 90.
- Uma traineira francesa de 38,5 metros apanhou nas suas redes um submarino nuclear dos Estados Unidos, de 115 metros, com 112 marinheiros e 16 mísseis «Polaris».
- A onda de violência que seguiu ao assassínio do Dr. Luther King, Na América do Norte, já causou uns 40 mortos.